

MULTIPLICADORES DE SABER

Luana Picetti¹; Eliani Fantini Sangali²

Eixo temático: Diversidade e Inclusão

Resumo: A área educacional no que se refere ao Ensino e práticas de Libras nas escolas apresenta ainda hoje uma vasta distância da comunidade ouvinte, visto que a inserção do ensino de LIBRAS nas escolas ainda é assunto relevante a ser discutido. Estruturado e elaborado a partir de informações bibliográficas ligadas ao tema para o desenvolvimento do mesmo, obteve como base teórica, os seguintes autores: Audrei Gesser (1971), Strobel(2008), Terje Basilier entre outros. Tendo como pressuposto a necessidade de formar um elo entre alunos, verificar e apontar estratégias, vivências escolares, familiares e sociais quanto a utilização de LIBRAS no cotidiano escolar e social da estudante surda, tornou-se imprescindível a inserção desta linguagem na vida diária de seus pares e a estruturação de laços significativos, construindo-se assim, uma ponte imersa de significado. As estratégias de ensino foram através da realização de práticas pedagógicas que possibilitaram a agregação de saberes relacionados a esta língua, e uma maior interação da aluna na comunidade ouvinte e vice-versa. Foi então, nas aulas de Língua Inglesa, por meio de elaboração de jogos, dinâmicas, vídeos e apresentação de música em LIBRAS, previamente elaborada na sala de Atendimento Educacional Especializado. Criando assim, a fomentação das duas Línguas, concomitante com a Língua Portuguesa, exercitando a expressão e a comunicação linguística a fim de (des) problematizar a realidade, possibilitando a interação entre a teoria e prática, e entre todos os segmentos da instituição escolar. Portanto, através dos resultados atingidos formou-se uma ligação de ensino-aprendizagem, tornando-os multiplicadores de saber e dogmatizadores de experiências.

Palavras-chave: Multiplicadores; LIBRAS; Inclusão; Comunicação

Introdução

O presente trabalho foi elaborado com o objetivo de encontrar meios possíveis para a inserção e valorização das variedades linguísticas no caso a LIBRAS em nossa escola. Assim fazemos necessário refletir sobre o título escolhido “Multiplicadores de saber”, e no que o mesmo quer nos dizer ou qual o sentido da palavra ‘saber’ e por sua vez a tarefa de um “multiplicador”? Palavras estas, imersas de significado, assim como toda e qualquer manifestação, expressão ou cultura linguística, neste modo a LIBRAS, que faz parte cada vez mais da existência daqueles (no caso os surdos) que não possuem como língua materna o

¹ Luana Picetti¹. Graduada em Pedagogia pela Universidade UNOPAR. Pós-graduada em Neuropsicopedagogia e Educação Especial Inclusiva pela Instituição EDUCINTER. lu.picetti@hotmail.com

² Eliani Fantini Sangali². Graduada em Licenciatura em Letras com habilitação em Português e literaturas da Língua Portuguesa, pela Universidade de Caxias do Sul. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica pela Instituição UNIVILLE e em Educação Especial com Ênfase em Deficiência Mental pela Instituição IESC. elianifantini@gmail.com

português. E desta forma passam a exercer sua cidadania e a serem respeitados, valorizados e considerados, politicamente brasileiros.

Assim, percebemos que a escola por sua vez, é um ambiente essencialmente da diferença, da diversidade e, simultaneamente, de encontros, possibilidades, acordos e debates. A sociedade escolar é distinguida pela presença de seres que se encontram com suas singularidades: diversos tamanhos, visões de mundo, etnias, credo, modos de ser, enxergar, sentir e de sonhar.

A escola é sem dúvida, é uma instituição cultural. Nesse caso suas relações entre cultura e escola não podem ser entendidas como dois polos independentes entre si, mas sim dois polos que se entrelaçam e é construída e se desenvolve profundamente dia a dia.

Ela se transforma de acordo com o crescimento e os conhecimentos que são adquiridos durante este percurso. Dessa forma podemos afirmar que a Língua Brasileira de Sinais também é cultura já que ela se manifesta de diferentes formas e situações, isso porque o homem pensa, raciocina, produz histórias, transforma, usa sinais e símbolos, tudo como forma de linguagem o que apenas muda é a forma em que é apresentada, nesse caso a Língua Brasileira de Sinais, a LIBRAS.

Multiplicadores de Saber

Elaborado e estruturado por meio de pesquisa bibliográfica apresentamos um levantamento sobre: “Multiplicadores de Saber”. Sendo assim, será através da aquisição e leitura dos referentes autores, bem como livros, textos e informações buscadas através do acesso a endereços eletrônicos, como: Audrei Gesser, Strobel e Terje Basilier serviram para garantir um projeto no qual todos pudessem desfrutar e compartilhar.

Neste caso, as políticas públicas e as legislações vêm para reparar, diminuir as desigualdades a partir de propostas e práticas políticas, econômicas, sociais, jurídicas, educacional, entre outras, na tentativa de restaurar a autoestima, dignidade, a integridade da memória cultural, física e psicológica do ser, bem como a promoção da qualidade da inclusão de alunos surdos no convívio escolar.

Como aborda a LEI N° 10.436, DE 24 DE ABRIL, DE 2002:

Art. 1º-É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Comunidades, estas, onde a educação, necessita ser valorizada com condições favoráveis nos quais direitos e deveres sejam reconhecidos, entretanto, uma comunidade digna de sua existência, sendo que a educação é um fator máximo pra tal transformação, tendo influência direta ou indireta, ou seja, sendo também por meio do convívio escolar que a aluna surda torna-se apta para opinar, avaliar, criticar, mudar, melhorar, enfim, porém é na qual onde não aprenderá apenas por si só, mas com o convívio com a cultura ouvinte, que poderá perceber a realidade do meio em que vive, transformá-lo, modificá-lo e até mesmo criá-lo para as futuras gerações, com garantias melhores de segurança, saúde e educação.

Pois, vivemos atualmente em uma sociedade globalizada, onde se encontra diferentes variações linguísticas, podendo entender assim que seja necessário tornarmos dessa diversidade algo aproveitável, aprazível para todos os indivíduos, assim como, tornar possível em sala de aula o aprendizado dessa cultura.

Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhes ser surdo. (Terje Basilier, 1993 In: Ferreira Brito, 1993, p. 75)

Em vista disso, não bastam criarmos leis, são necessárias atitudes. É preciso discutir, avaliar e compreender quais procedimentos e ações enquanto professores e alunos atuantes, devemos tomar mão quando se tratar da diversidade linguística e cultural e se a mesma está sendo o ponto central de valorização, incentivo e preparo pedagógico e se estão sendo suficientes para lidar com a inclusão e de que maneira a escola está sendo concebida como um espaço do saber e do aprender.

Neste caso, o presente artigo foi pensado frente a superação das diferenças linguísticas e o respeito quanto à diversidade no âmbito escolar da aluna surda, assim, buscamos compreender e responder algumas questões:

Nossa comunidade escolar está preparada para adequar-se a diversidade cultural e linguística da aluna? Que meios a instituição pode utilizar para integrar-se no campo ligado a diversidade linguística da aluna? Será que nós seres humanos estamos inteiramente preparados para aceitar as diferenças? Quais são os meios possíveis para estabelecer uma união baseada em valores como o respeito? O professor está apto a melhorar o ensino da diversidade em sala de aula? O currículo escolar pode melhorar tal situação se usado com sabedoria? Podemos viver juntos? Ou como é que nós podemos viver juntos?

Baseando-se nessas questões problematizadoras estabelecemos aqui hipóteses de estudos para nortear um projeto tendo como objetivos: Reconhecer a importância de sermos todos tratados como iguais apesar de nossas diferenças, e que todos temos direitos e deveres a serem respeitados e cumpridos como seres humanos iguais. Relacionar ao fator pré-conceitual que emerge da sociedade brasileira de diferentes formas, porém, neste caso, das variações linguísticas decorrentes assim no campo educacional. Resgatar valores pessoais e morais dentro e fora da comunidade escolar. Formar professores e alunos conscientes de seus papéis perante a sociedade escolar e social.

Assim sendo, a Língua Brasileira de Sinais é mais do que a língua falada e escrita, ela engloba toda e qualquer forma de comunicação: olhares, expressões corporais e faciais, sinais, posturas. E até o próprio espaço. Dessa forma podemos dizer que a linguagem funciona muitas vezes como uma marca de identidade. Destacamos então, a extrema importância de se trabalhar em sala de aula as diferentes formas de linguagem possibilitando toda e qualquer forma de comunicação.

Iniciando no convívio escolar através da aceitação de suas semelhanças e diferenças, a inclusão de classes, acompanhada da inclusão social de ideias, comunicação, ação e a diversidade do ser humano.

Foi dado então, andamento na proposta primeiramente no ambiente da Sala de Atendimento Educacional Especializado entre a aluna surda e professora, onde foram elaboradas práticas pedagógicas que possibilitaram a agregação de saberes relacionados a LIBRAS, para maior interação desta, no meio educacional e social. Deste modo, foram realizados momentos de reflexão junto às turmas nas aulas de Língua Inglesa, a respeito da diversidade linguística no caso da LIBRAS, de como podemos e devemos respeitá-la e aceitá-la como parte integrante do nosso ambiente escolar.

Jogo do Bingo: Verbos em Libras e as Variações que um mesmo Sinal sofre, bem como as Formas Positivas e Negativas de uma Palavra.

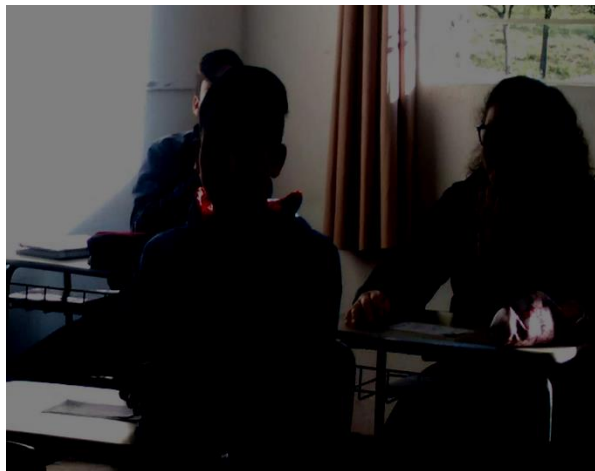
A partir deste jogo, os alunos puderam conhecer uma série de verbos e ações, muito utilizados na comunicação da aluna, tornando assim o elo cada vez mais próximo com ao mundo dos surdos, contribuindo e enriquecendo seus aprendizados, de forma lúdica e prazerosa.

FIGURA 1: Ensinando os sinais



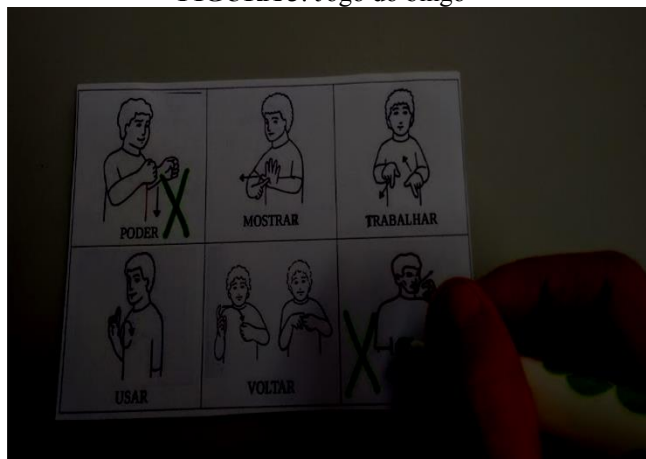
Fonte: O autor

FIGURA 2: Alunos atentos aos sinais



Fonte: O autor

FIGURA 3: Jogo do bingo

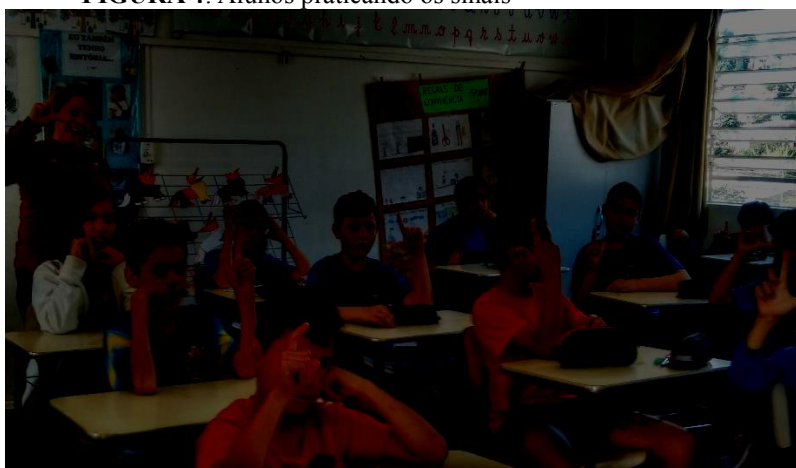


Fonte: o autor

Alfabeto manual em LIBRAS e em que situações o utilizamos

O alfabeto por sua vez, é utilizado para soletrar manualmente palavras que não possuem um sinal inerente como no caso de nomes próprios ou de lugares, siglas ou algum vocabulário que não existe na língua de sinais ou que também ainda não possui um sinal próprio. Sendo considerado um código para a representação das letras do alfabeto. Deste modo, para fortalecer os conhecimentos acerca do alfabeto foi realizado o bingo do alfabeto em LIBRAS, realçando a importância do aprendizado.

FIGURA 4: Alunos praticando os sinais



Fonte: O autor

Bingo do alfabeto em LIBRAS

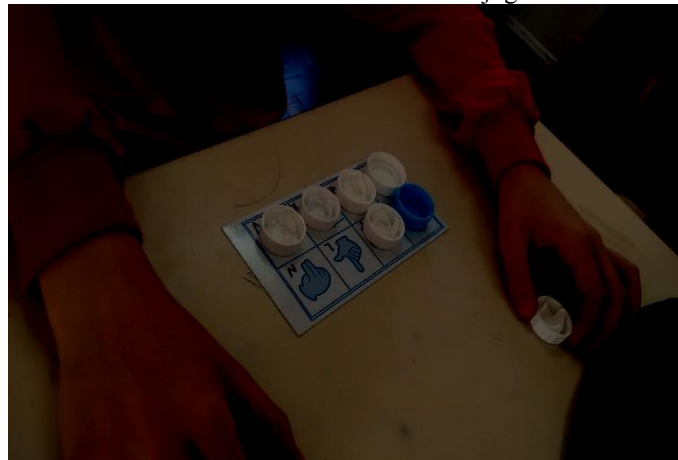
Os alunos puderam se apropriar um pouco mais do conhecimento da LIBRAS, e em que situações o alfabeto é utilizado, bem como para falar seu nome próprio. Neste jogo, os alunos puderam aprender como escrever o próprio nome e como fazemos para perguntá-lo a alguém, despertados pela curiosidade os alunos promoveram um momento de questionamentos, criatividade e imaginação.

FIGURA 5: Questionando as dúvidas



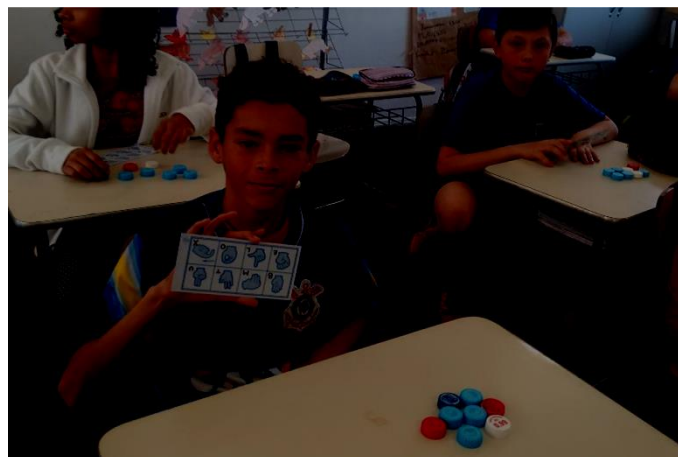
Fonte: O autor

FIGURA 6: Memorizando através de jogos visuais



Fonte: o autor

FIGURA 7: Colocando em prática a imaginação



Fonte: O autor

Dinâmica das expressões faciais e corporais na LIBRAS e de como a sua função é essencial

Foram feitas brincadeiras de expressões com os alunos da turma, e a aluna R. observando suas expressões faciais e corporais apresentou em LIBRAS a ação que determinado estudante estava realizando. Pois, como vimos um determinado sinal ou configuração de mão pode apresentar dois ou mais significados dependendo da expressão facial ou corporal, bem como o contexto em que o inserimos, como por exemplo: VERDE e FRIO, ou QUEIJO e RIR, apenas utilizando a expressão facial e corporal.

FIGURA 8: Apresentando em libras os cumprimentos, saudações e cores



Fonte: O autor

Libras

Nesta dinâmica, a professora pergunta aos alunos como se falava determinado cumprimento em Inglês e a aluna R. junto a professora da Sala de Atendimento Educacional Especializado o traduziam para a LIBRAS, realçando novamente a importância do respeito quanto às variações linguísticas, fortalecendo assim, a diversidade e a inclusão.

IGURA 9: Treinando os cumprimentos



Fonte: o autor

FIGURA 10: Prof. Luana ensinando na prática



Fonte: o autor

Assim, a mesma fez o elo entre seus colegas, professores, funcionários, familiares e demais pessoas de seu cotidiano, apresentando-lhes as vivências e experiências construídas e adquiridas. A partir das interações em sala de aula buscou-se a possibilidade e a necessidade de o discente ter em si segurança de aceitação de suas próprias características, identificando-se como membro do processo educativo. Atendê-los e ajudá-los a compreender que há diferentes necessidades educacionais assim essas habilidades diferentes possibilitará uma maior aceitação de forma mais fácil.

Considerações Finais

Através da elaboração do projeto pode-se observar os registros formados e fundamentados que ajudaram, e ajudarão, no processo de ensino aprendizagem, com suas diversificadas maneiras, como a fundamental importância de refletirmos sobre a valorização das diversidades e singularidades do ser e a inclusão tão marcante.

Nos fez refletir a cerca de quão necessário e importante é o reconhecimento da LIBRAS como língua e cultura, bem como, a necessidade de a comunidade escolar estar unida com a

aluna, desde alunos, professores, funcionários, e todos os que fazem parte do espaço escolar e a onde a educação pode acontecer.

Percebemos também, por meio deste, que o primeiro ato para uma mudança verdadeiramente significativa e eficaz na realidade da diversidade linguística e inclusão na ação do ser humano se notará a partir de uma “transformação” no ato de pensar, agir, transformar, criar e educar. Nesse sentido, acreditou-se que a elaboração de vivências adquiridas entre ouvintes e surdos possibilitará formação de cidadãos embasados na diversidade e na criticidade de seus semelhantes.

Contudo, mudamos a forma de agir, de pensar, de olhar e de sentir a realidade à nossa volta. A filosofia da escola passou a ser da promoção do encontro do ser humano com ele mesmo e com o outro, fortalecendo o laço entre a diversidade, inclusão do outro.

Pertence à escola, a família e toda a sociedade ampliar seus horizontes, deixar com vazze as oportunidades de igualdade entre os seres, e que a nossa diversidade seja espaço para a construção de uma sociedade mais digna de nossa existência, e as nossas diferenças sirvam para a promessa de um país novo, uma escola nova, na qual façamos de nossas diferenças nossas igualdades. Pudemos repensar um novo modo de agir, de ser, de se relacionar no que diz respeito do processo de ensino aprendizagem como se tem visto.

Necessitamos cada vez mais, que todas as instituições de ensino visem à formação do sujeito como transformador de sua sociedade. Sujeitos que anseiem por mudanças sociais com uma visão crítica e reflexiva, centrada na conquista de condições e resoluções para uma melhoria no convívio social de forma justa e igualitária.

Procurando imputar assim, uma educação fundamentada no trabalho crítico e construtivo dos docentes e discentes com o intuito de contribuir com o trabalho interdisciplinar, percebendo o indivíduo como um ser histórico, autônomo e livre, numa vivência solidária.

Contudo, não termos condições e razões para vivermos e construirmos nada sozinhos, todos somos conhecedores do presente e construtores do futuro. Que a escola possibilite esse espaço das diferenças entre todos os alunos, que amplie o modo de pensar de nossos alunos, mas cabe a nós mesmos o dever de construir uma escola que trabalhe nessas possibilidades, aluno e professor juntos transformando e construindo uma educação voltada para a diversidade inclusão em nosso país.

Referências

ADIRON, Fábio. Aprender com as diferenças: os normais. Disponível em:<http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?Artigo=560>. Acesso em 24/08/2018.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**. 22 de dezembro de 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436**. 24 de abril de 2002.

FERREIRA BRITO, Lucinda. Integração social & educação de surdos. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

NAUJORKS, Maria Inêz; PONTES, Beatriz Santos; PLETSCHE, Márcia Denise. Desmistificando o papel da Educação Especial na sociedade brasileira atual. Santa Maria: n. 17, p. 47-53, 2001.

SOUZA, Rita de C. S.; SILVA, Greice F. S. **Inclusão na diversidade:** um desafio para os educadores. Revista da Faced: Universidade Federal da Bahia. Salvador, n. 09, p. 239-252, 2005.